

NEVERMIND NIRVANA



Small's Lake
Spirit

EDIÇÃO DUPLA
Recontado por
VINICIUS AGUIARI E THIAGO CRUZ

2
anos
2006
2008

mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

NEVERMIND
VINICIUS AGUIARI E THIAGO CRUZ

EDIÇÃO DUPLA

uma história inspirada por
NEVERMIND
NIRVANA

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY VINICIUS AGUIARI

COPYRIGHT © 2008 BY THIAGO CRUZ

PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

NEVERMIND

VINICIUS AGUIARI E THIAGO CRUZ

EDIÇÃO DUPLA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **SAMUEL CASAL**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Smells like teen spirit
2. In bloom
3. Come as you are
4. Breed
5. Lithium
6. Polly
7. Territorial pissings
8. Drain you
9. Lounge act
10. Stay away
11. On a plain
12. Something in the Way

NEVERMIND NIRVANA

LANÇAMENTO: **SETEMBRO DE 1991**
SELO: **DGC**



NEVERMIND VINICIUS AGUIARI

COPYRIGHT © 2008 BY VINICIUS AGUIARI

SMELLS LIKE TEEN SPIRIT – IN BLOOM

Tudo se passou quando eu tinha dezesseis para dezessete anos, na segunda série do segundo grau do antigo sistema de educação. Aquelas aulas me sufocavam como nunca. Poucas coisas ainda me motivavam naquele colégio de carteiras arrebitadas, paredes descascadas e banheiros cheios de goteiras. Ângela era uma delas, ela e, talvez, minha professora de literatura. Somente lá eu poderia ficar admirando seus longos cabelos lisos e castanhos, estendidos duas carteiras a minha frente. Como eu, Ângela também tinha dezesseis anos, poucas amigas, às vezes bebia e sempre voltava para casa sozinha após as aulas. Já assistiu ao clipe de “Dirty Boots”, do Sonic Youth? Aquele em que a garota e o cara sobem ao palco no fim da música pra trocar um beijo? Pois é, toda vez que vejo esse clipe, me lembro de Ângela. Uma garota de poucas palavras e olhar singelo.

Naquela época, eu morava no lado leste da cidade, no terceiro anel. Ângela a sudeste do segundo. Basicamente pertencíamos ao mesmo tipo de vizinhança. As mesmas ruas com montes de lixo esperando para serem recolhidos e jardins mal cuidados, casas de três quartos e um único banheiro. Os moradores, basicamente eram profissionais liberais mal sucedidos, pequenos comerciantes fracassados e toda uma corja de inválidos sustentados por pensões do governo. Esses eram nossos vizinhos. Nossos pais, apenas

mais dois soldados no grande exército assalariado que sai de casa todos os dias antes das sete e retornava sempre após as oito.

Não era muito difícil ser diferente de todos aqueles que nos rodeavam, mas eu tinha um amigo. Lembro-me bem de Buda, um cara três anos mais velho do que eu. Buda morava duas ruas atrás da minha e trabalhava numa sinuca durante a noite. Seu pai não se importava se ele fosse ou não à escola, desde que não lhe pedisse dinheiro, estava tudo bem. Mesmo assim, ele ainda tinha uma boa frequência. Em média, aparecia lá três vezes por semana – nada mal pra quem passava a noite toda servindo jogadores mal educados. Era o mais velho de sua classe, já poderia ter se formado, não fosse ter sido reprovado duas vezes.

Buda tinha uma bela namorada, Fernanda, e às vezes, quando eu sugeria que fôssemos a sua casa pra fumar um baseado e escutar Hüsker Du, ele respondia: “Hoje não garoto. Sabe? Hoje estou indo para uma longa tarde de amor com a minha garota! Você entende, né? Fica pra próxima”.

Eu sempre sonhei em ser como Buda: confiante, estudando o suficiente para não ser um estúpido na vida, vestindo roupas surradas, trabalhando num emprego noturno onde ganhasse o suficiente pro meu cigarro, e tendo uma garota que me amasse. Para mim, isso seria suficiente.

COME AS YOU ARE – BREED – LITHIUM – POLLY

Certo dia Ângela veio até mim durante o intervalo, segurou-me pela mão e disse-me para ir com ela. Saímos fora do rebanho adolescente que retornava às classes e fui guiado por ela até um pequeno morro no fundo do colégio. O alto do morro ficava no mesmo nível do telhado do edifício. De lá podíamos ver nossos colegas recebendo o condicionamento educacional que os professores lhes empurravam garganta abaixo. Sentamos sobre uma pedra cercados por algumas bitucas de cigarro.

– Já conhecia este lugar?

– Não, é um belo lugar.

– Sim, é. Daqui podemos ver as pessoas enquanto elas olham umas às outras. Veja aquele garoto na segunda carteira da fileira da parede, você vê? Sim, olhe só, quando a professora for ao quadro ele vai olhar pra ela e depois vai começar a se esfregar com as mãos. Ele é filho daquele vereador evangélico que tem um programa no rádio. É isso que a religião provoca. Faz isto sempre com a mesma professora, a ruiva que ensina geografia.

– E aquela garota? Sim, a loira de blusinha rosa. Ela nunca copia as lições porque enquanto a professora escreve, ela as lê somente pra poder ser a primeira a responder quando a professora perguntar à sala. Estúpida! Outro dia, numa prova de química ela estava procurando pelas respostas

das possibilidades de ligação do carbono em seu lápis de tabuada.

Ângela se mostrava uma sagaz e ácida observadora, eu começava a ficar impressionado com sua perspicácia.

– Com que frequência você costuma vir aqui? – perguntei.

– Sempre que estou entediada ou querendo conversar com alguém e não existe ninguém, venho. Assisto às pessoas, eles me divertem e me sinto livre. Olhe, podemos jogar pedras sobre o telhado. Eles vão perder a concentração e então, no primeiro sussurro de um aluno, aquela gorda dará um grito ensurdecedor perguntando se nunca nenhum gato pisou no telhado da casa deles durante a noite. Como se um gato fizesse barulho parecido. Vamos! Tente!

Enchi a mão com algumas pequenas pedras e arremessei.

– Não é divertido? – ela me perguntou.

Não achei tanta graça assim, porém concordei. Sentei sobre a pedra com ela ao meu lado e devolvi:

– Eu gostaria de estar mais próximo de você.

Ela se calou, voltou seu rosto para o chão, em seguida pra mim novamente:

– Eu sei. Por isso te trouxe até aqui.

– As pessoas dizem por aí que você tem um namorado, aquele cara esquisito que costuma andar com você, aquele que não fala com ninguém. Ele é mudo?

– Gabriel? Não, ele não é mudo, apenas tem algumas dificuldades de comunicação, e também não é meu namorado, apenas meu amigo. Às vezes ele costuma visitar minha casa durante as tardes. Fica lá provando as roupas

da minha mãe. Ele fica muito bem nelas.

– Mas e daí, você acha que ele é gay?

– Não sei se totalmente gay, acho que ele gosta de ambos.

– Então... você sabe... você já ficou com ele?

– Com Gabriel? Gabriel é lindo, como um anjo entende? Tão triste e melancólico com seu rosto alvo e delicado. Algumas vezes já transei com ele em minha casa. Fazer amor com ele é algo puro. Como dormir ao lado do sono profundo de um recém-nascido, algo livre de pecados, mas eu não o amo.

Permaneci em silêncio e deixei que ela continuasse a falar sobre Gabriel.

– Ele também tem uma grande cicatriz em suas costas, disse que foi um acidente doméstico, eu nunca quis saber os detalhes, mas ela é grande e profunda e por isto que ninguém jamais o viu sem camiseta. Sabe Dean, acho que Gabriel ficaria feliz se fosse morto. Eu o imagino lindo estando morto, aquele rosto alvo contra o chão, com os olhos fixos no eterno, rodeado por uma pequena poça de sangue. Seria uma bela fotografia.

– Você mataria alguém em troca de uma fotografia?

– Acho que não, estou apenas supondo, mas pense comigo: a vida queima pra poder brilhar e então se apaga. Fotografias não, elas primeiro brilham pra então queimarem e nunca se apagam. Acho que quase seria uma troca justa.

Um longo silêncio pousou do céu sobre nós como um manto, eu estava atônito com as palavras de Ângela, a febre demente de amor mais bela que eu já tinha conhecido, então ela segurou minha mão e sussurrou:

– Amanhã estou indo embora pra sempre desta cidade. Quer vir comigo?

Nem me preocupei em perguntar pra onde. Com Ângela qualquer lugar

seria o paraíso, então respondi também em um sussurro que adoraria, e nos beijamos enquanto os alunos na sala permaneciam enfileirados, olhando pro quadro e copiando em seus cadernos.

TERRITORIAL PISSINGS – DRAIN YOU - LOUNGE ACT – STAY AWAY

Naquela noite cheguei em casa por volta das oito, após passar na sinuca onde Buda trabalhava e trocar alguns discos com ele. Minha mãe, grávida de seis meses, já havia jantado e estava retirando a mesa. Eu estava sem fome. Meu pai ainda não havia chego. Era o dia do encontro semanal do pessoal do trabalho no bar do Jorge. Todos os idiotas da companhia se dirigiam para lá para conversar sobre as putas da rua Amarela, da tabela do futebol e encontrar soluções fantásticas para seus ofícios depois de bêbados.

Nem levei os discos pro meu quarto, estava desligado demais pensando no meu encontro com Ângela. Coloquei os pés sobre a pequena mesa de centro e comecei a assistir o jornal, tentando imaginar como o mundo andava girando. Minha mãe terminou com a cozinha e juntou-se a mim com sua enorme barriga.

– Tire os pés da mesa, Dean, quantas vezes já pedi? Não quero marcas de tênis sujo na mesa. Olhe só, você não quer conversar com sua irmã? Ela esteve alegre o dia todo hoje, como acha que devemos chamá-la? Mariana ou Julia?

– Gosto de ambos.

– Seu pai não concorda com nenhum deles, mas não vou deixá-lo escolher de novo. Se fosse por mim, você nunca teria esse nome.

– Obrigado, me sinto mais leve, mas gosto do meu apelido.

Coloquei a mão sobre a barriga de minha mãe e comecei a dirigir algumas palavras a minha então nem nascida irmã.

– Ei, pequena, estamos aqui para escolher seu nome, qual dos dois você prefere?

Enquanto tocava a barriga de minha mãe, escutei meu pai chegando pelos fundos. Pelos seus passos pude sentir que estava mais bêbado do que de costume. Na TV, o apresentador do telejornal nunca daria a notícia que meu pai trazia: ele estava desempregado.

Minha mãe logo se desesperou com o fato, perguntou a ele como iríamos pagar pelos custos do parto? E todas as despesas após o nascimento? Os hospitais públicos andavam infestados de descaso e infecções e nós, não tínhamos dinheiro algum guardado.

Meu pai resmungava e resmungava. Contra os patrões, contra o governo, contra os vizinhos, contra todos. Nem ao menos se deu o trabalho de dizer por quê foi demitido. Era uma metralhadora de disparar preconceito, inveja e nenhuma solução. Então eu tentei sugerir algo, propus que se necessário eu poderia arrumar um emprego, mas ele continuou sendo grosseiro.

– Você já devia ter feito isso há tempos, garoto, mas não, tudo o que faz é ficar tocando esse maldito violão. Esqueça rapaz, se você um dia ouviu alguém dizer que um violão mata fascistas. Em todos estes anos, nunca vi um. Se você quer matar um destes políticos, pegue uma arma. Acho muito melhor do que tocar este estúpido violão desafinado. Mas escute, preste muita atenção que vou ser claro: se você for matar algum político, nunca vá com um .22 porque um .22 não mata nem carneiro e eu não quero chegar no dia seguinte no bar

e ser motivo de piada entre os caras, zombando com a minha cara. “Lá vem o pai que não ensinou o filho que não se atira em alguém com um .22, o cara que não ensinou ao filho o que é uma arma”. Você me entendeu moleque? Estamos conversados?

Eu já tinha tido suficiente daquele babaca, então fui para o meu quarto. Fechei a porta e abri a janela para fumar um cigarro. Um vento frio bateu contra o meu rosto, mas não me importei. Eu precisava fumar o meu cigarro. Eu estava bastante nervoso. O que faria agora? Como partiria no dia seguinte com Ângela? Como deixaria minha mãe sozinha, grávida e esperando pelo parto de minha irmã? Terminei o meu cigarro e fechei a janela, então deitei em minha cama. Cobri-me todo, dos pés à cabeça, e comecei a respirar bem forte e fundo. Gostaria de incendiar meu próprio corpo sob aqueles edredons e então encontrar alguma maldita solução no fundo de minha cabeça desesperada. Eu respirei fundo, e mais fundo, e expirei rápido e forte. Aquele abrigo estava quase em chamas, eu estava suando, mas não deu certo. Não encontrei solução alguma. Então escutei quando meu pai passou pela minha porta e foi direto para o seu quarto dormir, sem ao menos tomar banho. Minha mãe foi um pouco depois, caminhando em silêncio. Pelos seus passos, eu podia sentir sua angústia. Então dei um salto da cama e voltei à janela. Eu nunca conseguiria dormir. Olhei pra rua e não vi nenhuma alma caminhando por aquele pedaço frio às nove e quarenta. Pensei em ligar pra Ângela, mas logo percebi que ela não me ajudaria, que eu estava sozinho, e que idéia estúpida era fugir com aquela garota, ficar alguns dias na casa de sua avó e depois mudarmos para uma cidade maior onde as coisas estavam acontecendo, arrumar um emprego

de babá ou garçonete, morar num quarto apertado e montar uma banda. Como ela faria tudo isto se mal conseguia se relacionar com as pessoas do colégio? Como convenceria alguém a lhe confiar um emprego? A lhe pagar por isto? Empregos estúpidos estão todos reservados para pessoas estúpidas. Gerente de *fast-food* algum quer um irônico amargo sorrindo insanamente ao servir um hambúrguer. Mãe nenhuma confia seu bebê a alguém que pode ajudá-lo a crescer sendo menos idiota, não acreditando nas loiras da TV.

Maldito Cristo. Abri a janela e deixei que o frio entrasse, tirei minha camiseta e acendi outro cigarro. Eu tinha desistido do calor, agora queria morrer congelado. Amanhecer duro e roxo caído ao lado do criado mudo. Dei algumas tragadas rápidas e arremessei o cigarro pela janela, coloquei meu peito nu ainda mais para o exterior, então tossi, praguejei, estava funcionando, mas desisti. Que merda de idéia estúpida. Quem seria forte o suficiente para morrer congelado expondo-se ao frio dentro do próprio quarto? Então descobri o que deveria fazer. Voltei para dentro, arranquei uma folha do meu caderno e escrevi uma carta para minha mãe.

Querida Mamã,

Desculpe-me, mas estou partindo agora. Não estou lhe abandonando, acredite, tudo será mais fácil comigo um tempo distante. Acredite em mim, eu realmente preciso. Não se preocupe, vou passar algum tempo trabalhando como temporário no porto ou talvez conhecendo os campos. Se tudo ocorrer bem, envio algum dinheiro para poder pagar um parto digno. Sobre os nomes

de minha irmã, não se preocupe, qualquer um que escolher será um belo nome, e ela também irá gostar. Amo todos vocês. Nunca me esqueço.

Te amo, Dean.

ON A PLAIN

Na manhã seguinte não fui à aula. Quando acordei, o café esperava por mim frio sobre a mesa. Minha mãe havia ido ao trabalho. Meu pai ainda dormia. Voltei ao meu quarto, apanhei algumas camisetas, moletons, dois jeans e fiz minha mala. Desci a rua por algumas quadras e cheguei à alameda onde pegaria meu primeiro ônibus. Antes, passei por uma cabine telefônica e liguei para Ângela.

Esperei diversas vezes, ninguém atendeu. Então meu espírito foi tomado por algo indômito. Uma sensação imensa de que algo estava errado, um insight, momento de esclarecimento, chame como quiser. Decidi procurar por Ângela no ateliê de costura da mãe de Gabriel. Eles sempre passavam as noites por lá, vagabundeando e vendo TV.

No Ateliê a porta dos fundos estava aberta e a TV ligada. Estivera assim a noite toda. Sobre a mesa duas xícaras com o fundo borrado, um cinzeiro cheio de bitucas e o Grande Gatsby, do Fitzgerald. O cheiro remetia a medo. Adentrei mais alguns passos e vi um braço, logo o corpo todo de Gabriel com o rosto mergulhado no sangue viscoso. Sobre a cadeira de sisal trançado, encontrei minha Leica roubada há algumas semanas sem os filmes. Ao lado, enrolada em um pedaço de pano, a gilete que a mãe de Gabriel usava para apontar os gizes usados para riscar os moldes nos tecidos e que agora havia sido usada

para cortar os pulsos do filho. Não sei se por pacto ou vacilo. Não consigo imaginar onde Ângela esteja. Talvez em uma rodovia 45 minutos distante rumo a lugar nenhum. Virei as costas sem tocar em nada, me esforçando para que minhas marcas e pegadas não fossem registradas nem ao menos na atmosfera do lugar. Deixei a porta aberta e voltei às ruas. Logo alguém chegaria para encontrar o corpo. Não sei se Gabriel era ainda jovem suficiente para se tornar um anjo.

SOMETHING IN THE WAY – ENDLESS NAMELESS

Agora está feito e estou aqui, sentado sobre as letras que escrevem o nome desta cidade. Carros cortam o asfalto voando e nem ao menos se dão ao trabalho de imaginar as tristezas que estas plantações escondem. Um lugar com motivo algum para ser lembrado, agora nunca será esquecido. Motoristas de caminhões se recordarão quando passarem por aqui carregando suas toneladas de ferro e ignorância. Pais desconversarão quando indagados por seus filhos no banco de trás de seus carros como foi aquela história anos atrás. Fotografia nenhuma vale uma vida garota estúpida. O sol está caindo e eu me sinto enjoado vendo os pássaros pescando no rio poluído. Viro meu rosto e o crepúsculo vermelho ilumina meu caminho. Estendo o dedo e lá na frente um caminhão vai reduzindo. Eu corro atrás. Adeus Jesus. Olá Cristo. Estou partindo com alguns dos meus segredos que por enquanto ainda não podem ser revelados. O silêncio é o castigo dos sinceros. Tudo o que eu queria era tocar em uma banda.



NEVERMIND THIAGO CRUZ

COPYRIGHT © 2008 BY THIAGO CRUZ

AFOGADO NA REALIDADE

Eu tive um sonho ruim. Eu tava viajando num cruzeiro próximo uma ilha do Havá. Até aí nada de ruim, lógico. Ainda mais porque eu era a única pessoa no navio inteiro. Nem pergunte quem estava pilotando porque não faço a mínima idéia. A melhor parte é que, finalmente, eu estava sozinho. Finalmente não me faltava nem espaço nem ar para respirar. Eu não tinha de me preocupar com o caos da cidade em que moro, com brigas de vizinhos insuportáveis, não precisava olhar sobre meus ombros preocupado com a violência em volta. Eu estava livre de tudo e de todos. Eu estava em alto-mar, era como se ao abrir os braços eu pudesse voar. Até ali, aquele era o sonho mais vívido que já tive em anos de pesadelos. Mas a maré virou. Meu chocolate virou pó. Meu sonho sabor baunilha começou a ficar amargo enquanto pessoas estranhas invadiam meu navio. Elas vinham por toda parte – eram muitos – e, por mais que eu quisesse, não havia para onde correr. Elas não vinham para fazer mal. Eles não vinham me atacar. Apenas vinham fazer aquilo que eu mais odiava quando estava acordado: me sufocar. Por mais que a intenção de todos fosse a melhor possível, não havia espaço sequer naquele imenso navio para eu respirar. Eu não conseguia me mexer, mas isso já não importava mais. Aos poucos, meu sonho foi afundando, acompanhando o naufrágio do navio. Acordei jogado no chão da sala do meu minúsculo apartamento e com uma goteira incessante na minha cara. Eu estava de volta à realidade.

DUAS ROSAS NO MEU TRAVESSEIRO

Cada parte do meu corpo doía. Era como se uma manada de elefantes tivesse dançado a “macarena” sobre mim na noite passada. E minha cabeça latejava muito. Tive de fazer um esforço enorme pra levantar as pálpebras enquanto a luz do sol violava meus olhos vermelhos. Enquanto a chuva não parava de cair do lado de fora, meu cérebro parecia que explodiria a qualquer momento. Por mais que aquilo tudo me incomodasse, de certa forma eu já estava meio que acostumado com a situação. No fundo eu sabia que aquele desconforto era derivado de alguma substância ingerida na noite anterior. Mas eu me preocuparia com isso depois. Naquele momento eu precisava mesmo era reunir o pouco de forças que tinha e me levantar daquele chão imundo. Embora completamente tonto e sem conseguir me manter em linha reta, fiz o que pude para chegar até o banheiro.

O lugar é uma tremenda bagunça. Pasta de dente em cima da tampa do vaso, toalha na banheira, calcinha dentro da pia. Aliás, aquilo já não me surpreendia mais. Com certeza aquela calcinha era mais uma prova do quão comum minha noite passada foi. Provavelmente mais uma vez fui forçado por meus amigos a promover mais uma festa e terminei comendo uma desconhecida qualquer. Nesse momento você me perguntaria: “E desde quando isso é ruim?” Mas a verdade é que eu já estava farto daquilo. Eu sei que não devia reclamar por ter

meus amigos por perto e tal, mas nos últimos tempos, tudo o que eu queria era ficar sozinho.

Após procurar em minha gaveta, percebi que meus remédios haviam acabado. Provavelmente foram consumidos na noite anterior. Vesti meu casaco e já estava quase de saída quando, de repente, uma mulher sem calcinha sobre minha cama me pergunta se eu era do tipo que sai sem se despedir. Eu responderia rápido se ao menos conseguisse tirar os olhos da tatuagem de uma rosa que ela trazia logo abaixo da cintura.

ADEUS FARMACÊUTICO

Ela me disse que se chamava Rosa. Eu continuava ali sem nenhuma reação, apenas apreciando sua tatuagem. Tentei de todas as formas me lembrar da noite passada mas, por mais que eu forçasse minha mente, nada fazia sentido. Pelos arranhões no meu pescoço e pelas marcas vermelhas por todo o corpo dela, a única certeza que eu tinha era que fizemos sexo, nada mais. Ela abria a boca e tentava me prender numa dessas conversas do tipo “vamos discutir o relacionamento”, mas eu não tinha tempo pra isso. Eu tinha de correr. Minha cabeça parecia uma bomba-relógio prestes a explodir e a explosão nem era o pior. O pior era o tique-taque que não tinha fim. Eu precisava de remédios. Só eles faziam suportável a realidade dos meus dias. Eu não tive escolha, tive de deixá-la falando sozinha e sair. Naquele momento achei que tinha tomado a decisão certa. Mas assim que saí pela portaria do prédio e lembrei que havia esquecido meu guarda-chuva, me arrependi por completo. Odeio andar na chuva. Não que eu não goste de chuva, eu prefiro muito mais um dia chuvoso a um ensolarado e quente fritando meus miolos. Mas se tem uma coisa que eu odeio é chegar em casa e observar o lago que se forma dentro da minha meia quando eu tiro o tênis. Mas enfim, como diria minha avó: “Não adianta chorar pelo leite derramado.” Bem, nesse caso, água.

Enquanto eu caminhava pela calçada e desviava dos mendigos que nela dormiam, não poupava esforços para esconder meu rosto e não ser reconhecido. Tudo que eu não precisava naquele momento era um desconhecido me agarrando e pedindo autógrafo.

Após andar mais uns quarteirões, finalmente cheguei à esquina onde habitualmente encontro meu "farmacêutico". Só que para minha infelicidade, o figura não se encontrava ali. Obrigado a pedir informação ao mendigo que por ali se encontrava jogado no chão, perguntei se ele fazia idéia de onde o homem poderia estar. Seguida de uma forte nuvem de bafo de cachaça, recebi a resposta de que o farmacêutico havia mudado seu negócio para outro bairro três semanas atrás. Fiquei desesperado. Afinal, onde eu conseguiria arrumar a única coisa que me fazia – mesmo que só por uns instantes – fugir da realidade? E o pior de tudo: quem diabos era a pessoa que naquele exato momento me cutucava com uma arma em minhas costas?

DUAS COLHERES DE AÇUCAR E UM DEDINHO DE VIOLÊNCIA

Eu não conseguia parar de tremer, afinal, não é todo dia que um sujeito põe uma arma nas suas costas. Não que eu tivesse medo de morrer. A única coisa que eu queria é que aquele cara não fosse um policial. Eu odeio policiais. Enquanto o homem continuava a apontar a arma em minha direção, notei que o mendigo tomava seu café com uma expressão horrível, reclamando que o café estava amargo demais. De certa forma a reclamação dele era bem fundada. Ele tinha coado o café com uma meia furada. São coisas que acontecem num momento desses e você não pode acreditar na banalidade. Naquele momento tudo que importava era eu saber por que aquele estranho segurava uma arma apontada pra mim.

Juntei os fatos: Bem, eu estava num bairro do subúrbio, numa rua deserta e cercado mendigos. A única conclusão que pude tirar foi que aquilo se tratava de um assalto. Rapidamente peguei minha carteira e estiquei meu braço para entregá-la. Surpreendentemente ele me respondeu que não era do meu dinheiro que ele estava atrás. Aquela resposta me deixou quase com a certeza de que era mesmo um policial, mas não demorou muito para que o rapaz me dissesse o que realmente queria de mim. Ele disse friamente que estava ali para tirar minha vida. Aquilo atingiu como um raio. Não pelo fato de alguém querer me matar, mas quem teria dinheiro suficiente e a falta de coragem para

mandar outra pessoa fazer o trabalho sujo? O pior era saber que mesmo que eu perguntasse ao homem como um “último desejo” ele não me responderia. Eu não tinha medo de morrer, mas com certeza não queria morrer com essa dúvida. Aparentemente eu não tinha muita escolha. O homem enfiou a mão no bolso e puxou um canivete afiado. Em seguida, me disse que a pessoa que havia mandado me matar precisava de uma prova que eu estava morto: meu dedo mindinho.

UM CORPO NO BECO

Pela segunda vez no dia fui acordado com a água da chuva batendo em meu rosto. Eu estava caído, jogado num beco qualquer. Tentei pedir ajuda, mas meu corpo doía demais para sequer falar. Tentei me lembrar porque eu estava ali e lembrei que eu deveria estar morto. Afinal, onde foi parar o cara que iria me matar? Por mais que tentasse, eu não conseguia me lembrar do que aconteceu depois daquele homem me dizer que tinha que arrancar meu dedo mindinho. Meu dedo mindinho! Eu verifiquei minhas mãos e, com enorme alívio, notei que todos os meus dez dedos estavam intactos. Mas às vezes a dúvida dói muito mais que a dor física. Além de estar jogado no chão de um beco imundo, sem saber quem havia mandado me matar e por quê, agora eu também tinha essa enorme interrogação: o que aconteceu minutos atrás. Mas eu tinha que me preocupar com outra coisa. O mais importante naquela hora era que eu sumisse daquele beco. Reuni todas as forças restantes e me levantei rapidamente. A dor no meu corpo era insuportável. Eu não pude conter o grito que veio dilacerando minha garganta e secando meus pulmões. Eu queria muito meus remédios. Mas aquela não era uma boa hora para reclamar, eu precisava sair dali. Por mais que minhas pernas não respondessem direito, comecei a andar. Eu precisava dos meus remédios. Contudo, a única coisa que eu possuía no bolso naquele momento era meu velho celular. Pra minha sorte,

inacreditavelmente, ainda tinha um resto de bateria. Um milagre que não sei e nem pretendo explicar.

Liguei para a única pessoa que eu sabia que me ajudaria naquele momento sem perguntar por que ou como. Pra minha sorte ela estava em casa. Eu pedi que viesse me buscar o mais rápido possível. Na hora, ela disse que estava a caminho. Tentei caminhar para fora do beco para que ela me visse quando chegasse. Olhei para baixo e notei que em uma parte do chão a água parecia estar escura demais. Ao me aproximar, vi que na verdade aquilo era sangue. Andei mais um pouco e tragicamente fui atingido por mais uma enorme interrogação: quem matou o mendigo?

BATIDA SEM ÁLCOOL

Eu não sabia o que fazer. Ao ver o corpo do mendigo ali, estirado no chão, pensei em correr, mas a dúvida de não saber quantos passos minhas pernas doloridas agüentariam me fez desistir da idéia. Mas eu não poderia ficar parado ali. Eu andava enquanto tentava formular uma explicação razoável para o que acontecera horas atrás. A única certeza que eu tinha era a de que aquele homem que queria me matar acabou matando o mendigo. Mas a pergunta que fica é: por quê? Será que eles brigaram? Será que o mendigo sequer sabia o que estava acontecendo ou será que tentou me salvar? Ele nem estava envolvido na coisa toda, tudo que ele fez foi tomar o café amargo e imundo dele. Eu precisava de respostas. Eu precisava dos meus remédios. O pior de tudo era que a garota que eu havia ligado não dava nem sinal de vida. Enquanto eu esperava a ligação dela, continuei andando. Andei até esbarrar na única coisa que poderia fazer aquele dia piorar. Policiais. Eles estavam fazendo mais uma dessas blitzes, parando motoristas, procurando sujeirinha na lataria do carro, pedindo umas moedas pro cafezinho em troca de liberar os “infratores”. Tentei de toda forma evitar que me vissem. Baixei a cabeça e virei o rosto. Parecia fácil escapar daquela, mas aquele definitivamente não era meu dia. Um dos policiais me parou e pediu documentos. Fechei os olhos e torci para que minha carteira ainda estivesse no bolso e não com o homem que tentou me matar. Segundos depois aconteceu o

que acontece normalmente quando um policial te encontra sem documentos no meu país. Foi um tapa atrás do outro. Depois de lavar a mão no meu pescoço por uns quinze minutos aquele bondoso homem, responsável pela segurança civil, acabou me liberando. Ato nobre, tenho de admitir. Ele percebeu que eu não tinha nem um tostão ali comigo e me deixou seguir meu caminho. Meu dia não podia ficar pior. Pelo menos era o que eu pensava, mas aquele pensamento durou bem pouco. Na verdade, terminou assim notei um terrível acidente envolvendo dois carros. Num dos carros uma família inconsciente. No outro a única pessoa que eu procurava pra me livrar daquele dia infernal: minha ex-namorada Paula. Parecia morta.

QUEM MATOU SARA SANTOS?

Eu não conseguia me mover. Paula estava ali imóvel e sem respirar, enquanto eu não sabia o que fazer. Ela estava completamente coberta de sangue, mas tinha uma coisa naquela cena que me intrigava ainda mais do que o fato de minha ex-namorada estar morta. Além dela sempre ter sido uma excelente motorista, nada explicava aquela garrafa de cerveja no banco do carona. Aquilo não fazia o menor sentido. Paula não bebia. Dizia que bebida alcoólica era para os fracos que não tinham coragem pra tomar decisões sem ajuda externa. Aquilo não estava certo. Eu sempre fui cético com relação a esse lance de teoria da conspiração, mas naquele momento nada se encaixava. Alguém havia armado aquele circo todo. Alguém queria evitar que Paula chegasse até mim, por isso forjou a morte dela. Com certeza, a mesma pessoa que tentou me matar antes. Mas por quê? Quem teria tanto poder pra fazer isso? Quem me odiaria tanto a esse ponto? Eu precisava sumir. A qualquer momento a polícia chegaria e eu não queria ter de dar explicações. Eu corri, por mais que cada parte do meu corpo continuasse a doer como a penetração de mil agulhas enferrujadas. A chuva incessante não ajudava nem um pouco, mas não foi o bastante para me vencer. Mas aquele definitivamente não era meu dia. Ao chegar ao meu apartamento, recebo a última prova de que tudo se tratava de uma conspiração e que alguém estava muito bravo comigo. A bagunça do meu quarto estava pior

do que o habitual. A enorme poça de sangue no chão guiava meus olhos até o corpo da mulher tatuada que se chamava Rosa. Ela estava morta. Embora o sangue tomasse conta do corpo dela, não pude deixar de notar um bilhete em suas mãos. A letra era feminina e pelo jeito, tensa. Dizia o bilhete:

Estou de saída. Quando voltar não me encontrará mais. Não tive coragem de fazer o que [...] me pediu. Eu não poderia matar o homem que amo. Fuja antes que [...] ache você. Te amo.

Ass.: Sara Santos.

P.S: Não deixe--

Eu não consegui ler sobre quem ela falava, pois a parte na qual ela identificava a pessoa estava rabiscada. Pelo jeito ela mal teve tempo de terminar o bilhete. No final da folha, uma letra diferente da dela dizia:

Não importa o quanto você corra, não importa o quanto você se esconda, EU VOU TE ACHAR!

Aquele não era o meu dia. O que será que ela ainda tinha pra me contar? Não deixe o quê? Aliás, quem é Sara? Embora todas essas dúvidas não parassem de martelar na minha cabeça, um som externo me incomodava ainda mais. O de sirenes se aproximando do meu prédio. Eu precisava sair dali. Eu precisava de respostas. Eu precisava dos meus remédios.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br